

JULIANA MIRELE MESSIAS

**ADMIRÁVEL MUNDO NOVO: LITERATURA E ENSINO DE
SOCIOLOGIA**

Marília - SP

2023

JULIANA MIRELE MESSIAS

**ADMIRÁVEL MUNDO NOVO: LITERATURA E ENSINO DE
SOCIOLOGIA.**

Dissertação Apresentada ao
Programa de Pós Graduação
Profissional em Rede Nacional de
Ensino de Sociologia.

Orientação: Professor Dr. Paulo
Eduardo Teixeira

Marília - SP

2023

M585a

Messias, Juliana Mirele

Admirável mundo novo : Literatura e ensino de sociologia / Juliana Mirele

Messias. -- Marília, 2023

53 p.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Estadual Paulista
(Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília

Orientadora: Paulo Eduardo Teixeira

1. ProfSócio. 2. Literatura. 3. Sociologia. 4. Classes Sociais. 5. fake news. I.
Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

JULIANA MIRELE MESSIAS

ADMIRÁVEL MUNDO NOVO: LITERATURA E ENSINO DE SOCIOLOGIA.

Dissertação para a obtenção do título de Mestre em Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus de Marília.

Área de Concentração: Ensino de Sociologia

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Paulo Eduardo Teixeira
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

2º Examinador: Prof. Dr. Fábio Kazuo Okada
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

3º Examinador: Prof. Dr. Antonio Simplicio de Almeida Neto
Universidade Federal do Estado de São Paulo - UNIFESP

1ª Suplente: Prof.^a Dr.^a Sueli Guadalupe de Lima Mendonça
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

2ª Suplente: Prof. Dr. Alexandre de Castro
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS

Marília, 05 de maio de 2023

DEDICATÓRIA

Para todas as professoras, mães, mulheres, quase independentes que olham suas vidas passar tão rápido que nem sempre dá tempo de viver, apenas sobreviver. Estudar, então! Ato extremo de resistência e de luta.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao tempo, por ter me esperado para fazer o que eu deveria ter feito muito antes.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
Justificativa	15
Metodologia	17
 Capítulo I - Literatura, Sociologia e suas gêneses	20
 1.1 República, Sociedade e Arte.....	27
 1.2 Classes Sociais e a divisão do trabalho.....	28
 1.3 Profissões no Brasil	31
 1.4 Professores, Poder e “fake News”.....	34
 Capítulo II - Admirável Mundo Novo	37
 2. Ficção e ciência, educação e cultura	41
 2.1 Distopia e relações sociais: Entre o real, o ideal e o possível	42
 2.1.1. Réplicas de discursos e manutenção das classes	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
Referências Bibliográficas	48

RESUMO

A Sociologia e a Modernidade possuem origens no desenvolvimento das associações humanas, as mudanças no modo de vida e de produção foram os temas das primeiras sociologias que focaram na racionalização dos costumes, hábitos e comportamentos dos indivíduos em diferentes esferas coletivas, portanto o princípio geral mais importante para os pensadores que perceberam estas transformações como fenômenos passíveis de serem estudados, o progresso era visto como inexorável. Com os avanços rápidos da urbanização e das novas formas de organização social, devido a industrialização e os fluxos de indivíduos, trabalhadores, comerciantes, artistas, profissionais liberais e servidores públicos precisou ser caracterizada e entendida sob alguns aspectos, a partir dos conceitos de classe, poder e dominação propostos pelos clássicos da sociologia foi possível dar bases para a interpretação do perfil do professor, o tipo ideal de conhecimentos escolares (educação de qualidade) e as “fake news” como um problema para a formação contínua do profissional de ensino e para a construção epistemológica da classe em função da replicabilidade de padrões tidos como modernos, mas que são movidos por forças mercadológicas e ideológicas. O texto de Aldous Huxley serviu de ponte para interpretar de maneira didática a construção material e prática da divisão das classes, a dominação por meio das funções de cada um e a produção de verdades por meio da repetição, vista como racionalização. Os enredos fornecem ao educador reflexões sobre o seu próprio papel dentro de uma instituição chamada escola pública atualmente, com vistas no recorte temporal do início do século XX, para entender as ações coletivas e individuais deste século XXI, ou seja, compreender a minha própria literatura no processo de interpretação de um clássico com abordagens de conceitos da sociologia e apoio de uma contextualização histórica.

Palavras – chave: Sociologia, Profsocio, Literatura, Classes Sociais e “Fake News”.

ABSTRACT

Sociology and Modernity have origins in the development of human associations, changes in the way of life and production were the themes of the first sociologies that focused on the rationalization of customs, habits and behaviors of individuals in different collective spheres, therefore the most general principle. Importantly for thinkers who perceived these transformations as phenomena that could be studied, progress was seen as inexorable. With the rapid advances in urbanization and new forms of social organization, due to industrialization and the flow of individuals, workers, merchants, artists, liberal professionals and public servants, it needed to be characterized and understood in some respects, which is what classical authors of sociology located in the 19th century that were influenced by thinkers from the previous century, were concerned with creating their own method to research these transformations, based on the concepts of class, bureaucracy and domination proposed by the classics of sociology to provide bases for the interpretation of the profile of the teacher, the ideal type of school knowledge (quality education) and “fake news” as a problem for the continuous training of the teaching professional and for the epistemological construction of the class due to the replicability of standards considered to be modern, but which in the However, they are driven by market and ideological forces. Aldous Huxley's text served as a bridge to interpret in a didactic way the material and practical construction of class division, domination through the functions of each one and the production of truths through repetition seen as rationalization. fictitious plots, which provides the educator with reflections on his own role within an institution called public school, currently with a view to the time frame of the early 20th century, to understand the collective and individual actions of this 21st century, that is, to understand my own literature.

Key words: Sociology, Profsocio, Literature, Modernity, Social Classes and Fake News.

INTRODUÇÃO

O texto de Aldous L. Huxley (1894-1963), seu romance mais famoso, nesta pesquisa em específico a vigésima primeira edição publicada pela editora Globo com apresentação do polêmico ensaísta Olavo de Carvalho¹, figura influente nas redes sociais por sua postura antiética, extremista e repugnante, este que em 2001 prefaciou um dos maiores clássicos universais do século XX, Admirável Mundo Novo, esta edição que foi distribuída gratuitamente como projeto de apoio ao saber, financiado pelo Fundo para o Desenvolvimento da Educação (FDE), Olavo de Carvalho apresenta Huxley como um evolucionista social e eugenista, equivocadamente. Embora o autor do clássico que era neto do biólogo Thomas Henry Huxley que desenvolveu junto com Charles Darwin a teoria evolucionista, Aldous, em Admirável Mundo Novo faz justamente uma crítica a aplicação da ciência pura em indivíduos e um alerta.

O autor de Admirável Mundo Novo, faz uma crítica sobre os perigos da manipulação comportamental humana, mais adiante alguns exemplos de trechos da 11ª edição da editora Brail de 1976 e também da edição de bolso de 1971 com Introdução de Marcelo Cardoso², que ainda nesta edição de bolso em sua contracapa há uma advertência sobre a completude do texto original - NENHUMA PALAVRA FOI OMITIDA- em letras maiúsculas, mas a não ser que fizéssemos uma tradução do texto original ou pudéssemos conversar diretamente com o autor do clássico para entendermos sua posição em relação aos fatos, mesmo assim seriam interpretações e abordagens de alguns aspectos do todo, jamais tudo que uma narrativa pode causar.

Com fundamentações teóricas apoiadas nos conceitos sociológicos clássicos a respeito de temas previstos por Aldous Huxley e essas mesmas ideias e práticas reproduzidas, ressignificadas e distorcidas no romance/novela, compreender e explicar temas urgentes,

¹ Olavo de Carvalho <<https://olavodecarvalho.org/>> “ A sabedoria não supera a malícia”. frase que apresenta o site oficial do autodidata e sem nenhuma formação acadêmica oficial, dizia saber muitas coisas, no entanto sua maior habilidade foi mentir e ser repugnante e polêmico para colecionar adeptos e patrocinadores de suas ideias elitistas e racistas sob a alforje de intelectual rebelde e contraditório.

² Marcelo Cardoso figura não encontrada, provavelmente era um pseudônimo, assim como o tradutor Felisberto Albuquerque da 11ª edição de Admirável Mundo Novo, 1976.

dentre tantos conceitos que o livro clássico de Huxley oferece, modernidade, classe social, burocracia, dominação e “*fake news*”³ parece mais significativo para o momento, como também possibilitou associar esses termos e estudos relativo à condição do professor frente a racionalização dos meios de conhecimentos e informações e os seus valores ideológicos e simbólicos enquanto indivíduos ativos na disseminação da ciência, da arte e da filosofia de forma racional e prática como meio de vida e produção imaterial de saberes.

A formação de Aldous Huxley foi privilegiada, nascido em julho de 1884, filho de uma família tradicional britânica, inclusive seu avô Thomas Henry Huxley, biólogo renomado trabalhou com Charles Darwin, pai da teoria evolucionista, Huxley viajou e viveu em muitos lugares do mundo, devido ao fato de ter passado 18 meses sem enxergar nada, decidiu tentar sentir, ver o mundo e representá-lo em forma de palavras. Em seu prefácio sobre sua novela Admirável Mundo Novo, após dez anos da primeira publicação tentou elucidar alguns pontos do livro e justificar alguns equívocos, ainda nestas justificativas menciona de maneira irônica que deveria ser construído um Panteão em homenagem aos professores do mundo, irônico porque no enredo da novela, não existiam professores, apenas enfermeiras que cuidavam e condicionam as crianças através de estímulos sensoriais e as informações e instruções eram realizadas por meio da hipnopédia, método de repetição via rádio.

Admirável Mundo Novo, “*Brave New World*”, é sem dúvidas seu texto mais famoso, tanto que será objeto desta pesquisa como suporte pedagógico para o ensino de sociologia, justamente porque é um romance futurístico que reflete temas e críticas sobre questões atuais e da nossa estrutura social e ideológica. Em 1937 Huxley se estabeleceu nos Estados Unidos onde escreveu roteiros cinematográficos e escrevia ensaios a respeito de tudo, música, literatura, cinema e filosofia, morou em Los Angeles, foi amigo de Charles Chaplin, Greta Garbo e diretores de cinema como George Cukor e Alexander Korda, sua vida e sua obra refletem muito o espírito da época das grandes inovações e descobertas tecnológicas da virada do século passado, ponte para inter-relações e nuances com a virada de século mais recente, do XX para o XXI e espelho de como a intelectualidade acadêmica e artística representavam a cultura

³ “Fake News” Simulacro de notícia, fatos, perenes e sensíveis ou distorcidos por meios de dissipação em larga escala, que são acessados e replicados conforme as buscas por palavras-chave, no mundo computacional o aparecimento frequente de palavras associadas à uma situação corrente dá-se o nome de algoritmo.

e o saber em tempo e espaço distintos, no entanto congruentes em certos aspectos e estruturas.

Uma curiosidade sobre o autor, foi sua passagem pelo Brasil, convidado pelo governo Juscelino Kubitschek⁴, como segue na publicação do jornal “O GLOBO” por Matilde Silveira que reportou que em 1958 o autor expressou que:

“ O que mais lhe chamou a atenção em sua passagem pelo Brasil, foi o sincretismo do país, Huxley ficou impressionado com o sincretismo entre as culturas europeia e africana ao ver o gongá (altar) do terreiro repleto de imagens de orixás e santos católicos, além de fotos de políticos, gravuras de budas, Tiradentes e Zumbi dos Palmares. “

A narrativa ficcional serviu como um reflexo e contraponto da sociedade moderna do século XX, que se transformava com os avanços tecnológicos dos meios de produção e consumo, inclusive na indústria cultural que propagou em grande medida os modelos de comportamentos e atitudes, o romance enquanto estética e forma artística desde a sua essência no século XVIII, possibilitou em alguns momentos esse processo de rotinização, como aponta Terry Eagleton, 1983, ao mencionar o que ocorreu na Inglaterra com a popularização da língua inglesa como meio de instruções para as novas classes de trabalhadores e usuários de bens e serviços.

Tudo que envolve os meios de produção e de existência, é abordado no romance de Huxley, não apenas como espelhamento da sociedade, e sim uma reflexão e de crítica aos desdobramentos dos condicionamentos humanos por meio dos tipos ficcionais, porque esses mecanismos ao mesmo tempo que universaliza questões objetivas humanas, exclui existências subjetivas e as marginaliza, a narrativa, os discursos e os cenários dos textos literários abrem fissões nas dimensões interpretativas de fatos, ideias e conceitos, o autor ao tratar das tipificações humanas, que nesta pesquisa foi interpretada pelo viés sociológico e compreendidos como classes sociais e formação profissional.

O processo de modernização, desdobramentos do iluminismo dos setecentos, que foi formalizado como método científico de organização da vida e da produção

⁴<[Juscelino Kubitschek de Oliveira](#)> J.K. “ cinquenta anos em cinco”

humana, sob o ponto de vista crítico, aponta que muitos povos, principalmente negros e indígenas, não conseguiram e ainda não podem se encaixar nos novos padrões de evolução e progresso projetados na ideia de ciência e inovação pensadas durante o período da Revolução francesa, e no século XIX com a Revolução Científica-tecnológica, ou mais simplesmente, segunda Revolução Industrial, que foi a substituição das pequenas unidades fabris, alimentadas pelo carvão, ferro e vapor substituídas por grandes complexos Industriais movidos por energia elétrica e petróleo. (SEVCENKO, 1992, P.156). As primeiras sociologias do século das luzes, buscaram validar o domínio do homem sobre a natureza e o “pacto social”, Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) e as leis naturais as quais todos estão sujeitos em função de dependências mútuas, assim cria-se laços de servidão uns com os outros.

Além da ciência produzida durante o período de “modernização”, tanto dos setecentistas, quanto dos cientificistas do século XIX que refletiram no século seguinte, deram base para narrativas e discursos do mundo artístico literário, fenômeno que buscou-se evidenciar nesta pesquisa através do gênero literário utilizado por Aldous Huxley, a ficção científica, que além de transitar pelo universo ficcional e estético, tem como princípio criativo narrativas e enredos que envolvem o método científico para dar veracidade ou verossimilhança ao texto produzido. O livro de Huxley, Admirável Mundo Novo é capaz de projetar séculos de história e de forma fictícia sublimar teorias filosóficas e científicas a respeito da formação e organização das sociedades e da própria sociologia, enquanto método científico para averiguar e focar nos processos que a modificam e os princípios e conceitos que se cristalizaram ao longo do tempo e precisam de forma criativa serem associados a questões e fenômenos do nosso tempo para serem compreendidos e caracterizados.

Pensando hoje, século XXI, sobre as Práticas de Ensino de Sociologia e os seus Conteúdos Curriculares, materiais didáticos e as novas tecnologias de informação e comunicação e seus usos na escola, e de como abordar temáticas propostas pelo currículo e que ao mesmo tempo mobilize conhecimentos para a resolução de problemas, primeiramente há de se compreender como professor, como profissional, dentro de uma classe social, o valor do seu trabalho na sociedade e o que se deve ensinar no contexto da educação básica da escola pública frente aos desafios da replicabilidade rápida da vida e das informações.

A difusão do ensino de sociologia no ensino médio, antigo secundário, que também já foi chamado de colegial, na década de 1930 coincide com a época da publicação do livro *Admirável Mundo Novo* de Aldous Huxley, 1932, que inicia a sua narrativa em uma fábrica de seres humanos, precisamente, no Centro Educacional Público, equivalente à uma escola pública, junto com um grupo de estudantes, jovens, homens, Alfas⁵. Esta fase de ensino que fora por vezes questionado e remodelado, por exemplo, no início do século XX, a oferta do ensino secundário, como era conhecido até meados da década de 1990, circunscrevia-se a estabelecimentos como os Liceus, nas capitais dos Estados, direcionados para a educação masculina e às escolas normais, para o gênero feminino (ZOTTI et al, 2015, P.10)

No prefácio de Huxley ao seu clássico, publicado duas décadas após a primeira edição, ele destaca a responsabilidade dos educadores e talvez de forma muito irônica, pois era um discurso de pós guerras, onde dizia que “deveria ser erigido entre as ruínas da Europa ou do Japão; (...) CONSAGRADO À MEMÓRIA DOS EDUCADORES DO MUNDO. *SI MONUMENTUM REQUIRIS CIRCUMSPICE*⁶.”

As ideias centrais norteadoras da presente pesquisa foram o papel do professor, o ensino público e o reflexo da literatura e das ciências na prática pedagógica diária, quais textos, leituras e abordagens possíveis para o contexto escolar atual e com as condições de trabalho do profissional da educação frente às lutas ideológica e mercadológica constante na sociedade moderna.

Justificativa

O livro *Admirável Mundo Novo* de Aldous Huxley foi selecionado como objeto para esta pesquisa no intuito de organizar um plano de ensino e de atividades escolares através da sistematização e compreensão de temas sociológicos perenes no texto clássico, por se tratar de um gênero que por seu estilo e dimensão estética abarca temas aprofundados sobre as transformações na sociedade e as consequências do sistema capitalista, bem como as relações que se estabeleceram a partir do século XX, no que se refere ao domínio da ciência em favor do “homem” ou a serviço do “mercado” em contraponto à natureza e o seu controle, modernidade, classe social, burocracia e dominação, conceitos próprios da sociologia articulados para evidenciar as não

⁵ Alfas - classe mais elevada dentre as classes sociais propostas no enredo do romance *Admirável Mundo Novo*.

⁶ tradução livre “ Seja o monumental, olhe ao redor”

representações e silenciamentos de toda a natureza sofridos pela classe dos professores, principalmente não estáveis, nos meios de comunicação e acadêmicos por exemplo, ou seja, sua não representatividade nos espaços públicos de debates e de poder.

Desta forma o texto literário possibilitou a mobilização de conhecimentos e valores que aludem a temas e conceitos em tempos e espaços distintos e serve como porta para leituras e reflexões sobre nós, professores de escola pública em relação à sociedade e as transformações nas condições materiais e imateriais dessa classe de profissionais, num diálogo entre épocas que se cruzam vistos pelas lentes da sociologia conectada à outras áreas do conhecimento, onde cada conceito levantado exige contextualização e interações, históricas, artísticas e científicas. Quando Huxley traz para o público leitor a organização social e a divisão do mundo ao narrar a história de John, o selvagem, e uma sociedade desenvolvida, onde os seres desde bebês são condicionados, - educados- para gostar e se inclinar aos desígnios de sua classe, conhecido como processo *Bokanovsky*, método fictício apontado por Huxley, mas muito próximo do real e aterrorizantes horrores das guerras, do facismo e do nazismo e dos campos de concentração, como podemos interpretar a seguir nos trechos do livro em que o autor trata sobre os condicionamentos (em psicologia, é o estímulo repetitivo que leva as associações à uma reação) em crianças nos Centros Estatais de Condicionamento:

- “ A enfermeira chefe, que estava ao lado de um painel de comando na outra extremidade da sala, baixou uma pequena alavanca.
- Houve uma violenta explosão. Aguda cada vez com maior intensidade, soou uma sirena. Campainhas de alarme tocaram furiosamente.
- As crianças alarmaram-se, gritaram; seus rostos contorceram-se de terror.
- Agora, gritou o diretor (porque o barulho era ensurdecedor), procedamos à fixação profunda da lição, por meio de um choque elétrico fraco. (HUXLEY, 1969, pág.43)

Em uma outra passagem do livro, ainda dentro de um Centro de Condicionamento Humano, local onde se passa a cena dos estudantes Alfas (Classificação humana) em visita técnica e científica do espaço e o DIC (diretor de incubamento e condicionamento) que conduz a turma de jovens desde o enfrascamento, que conhecemos hoje como reprodução *in vitro*, até a sua colocação no mundo

organizado de uma Londres futurista e estável em que o mesmo diz - que a educação nunca deveria ser intelectual e sim moral- como aponta o autor, quando o DIC leva os alunos na sala de Curso Elementar de Consciência de Classe, onde um alto falante com voz doce repetia na cabeceira de oitenta crianças perfiladas que dormiam e ouvia repetidas vezes:

- ... todos se vestem de verde, diz uma voz agradável, mas muito clara, começando no meio de uma frase, e todas as crianças Deltas vestem-se de caqui. Oh não, não quero brincar com crianças Delta. E os Ipsilones ainda são piores. São tolos demais para aprenderem a ler ou escrever. Além disso, vestem-se de preto, que é uma cor detestável. Sou tão feliz por ser Beta. (HUXLEY,1969, pág. 51)

As questões que envolvem transformações no meio e mudanças no estado das coisas interessam o campo da sociologia, a leitura crítica e aprofundada do livro nesta pesquisa não se restringiu a descrição espelhada da sociedade representada no romance de Huxley, as teorias contidas no pano de fundo de cada cena e dos diálogos entre as personagens foram destacados e associados aos debates e teses que circulavam no campo científico, principalmente da sociologia, onde autores clássicos como Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber contribuíram com formas de articular explicações para o fenômeno das classes sociais que se formaram a partir das mudanças nas estruturas e meios de produção advindos do processo de modernização. A expansão dos meios de comunicação em massa, no livro de Huxley tem o nome de hipnopédia, para Marx, alienação e para Olavo de Carvalho, “Fake News”, devido ao fato de prefaciar a edição escolar de 2011, com incentivo do governo e de uma grande dissipadora de bens culturais do universo editorial desde a era Vargas, em que tradutores como Érico Veríssimo da editora Globo e seus esforços para divulgar obras clássicas no Brasil coadunam com os ideais nacionalistas da época em que se buscava uma identidade nacional. (SOUTO, 2014, Pág.4). Este sujeito fez julgamentos e colocações ideológicas a respeito do texto literário Admirável Mundo Novo, e a replicação disso em materiais escolares pode ser explicado e entendido como uma dissipação de “fake news” que muito se relacionam com os condicionamentos humanos expostos no romance.

2. Metodologia de Pesquisa

Segundo Antônio Cândido, 1987 “Talvez a primeira manifestação do que seria considerado Sociologia no Brasil durante quase meio século se encontre na *Introdução à história da literatura brasileira* (1881)’, onde Silvio Romero estabelece as diretrizes que orientaram por muito tempo os estudos sociais no Brasil, ao interpretar o sentido da evolução cultural e institucional, segundo os fatores naturais do meio e da raça (CÂNDIDO, 1987, P.32). Devido ao fato do surgimento das primeiras pesquisas no campo da língua e da linguagem e da valorização da escrita criativa e imaginativa como meio de inverter a ótica capitalista e utilitarista, segundo EAGLETON, 2006, os estudos literários deram aos sujeitos desconfigurados pelo mundo racionalizado meios de existirem e de criarem seu próprio universo.

A dialética e o materialismo histórico como método de pesquisa e articulação do ensino de sociologia, texto literário, a profissão professor e “fake news”, foi o meio mais eficaz para que todos eles pudessem se encontrar num diálogo entre literatura e sociologia para explicar a minha própria condição individual de professora da escola pública brasileira, dentro de um contexto social burocrático e permeado por dominações históricas, que envolvem em seus processos, revoltas e lutas contra as verdades distorcidas e repetidas para a manutenção de visões e privilégios de determinados grupos de indivíduos, as quais em boa parte da história moderna a educação tem contribuído para isso na figura do professor e do seu trabalho docente.

A escolha de Antônio Cândido, teórico, sociólogo e crítico literário brasileiro foi justamente com o intuito de investigar uma obra literária que foi referência na minha formação intelectual na faculdade de direito, através das lentes de alguém próximo dos nossos olhos, que já foi professor na FCL- Unesp, onde cursei Letras e bem distante em ideias e métodos de pesquisa de Olavo de Carvalho, que dizia saber tudo, mas não explicava nada, porque performou suas ideias polêmicas e anacrônicas dentro de modelos chavões e provocativos, o que fez dele uma figura comentado e seguida, por bem e por mal, no entanto para a classe de professores, pesquisadores e para a educação suas colocações e produções intelectuais desvalorizaram o ensino e a pesquisa, bem como a produção acadêmica e teórica de nomes clássicos, como o de Marx.

Como disse em entrevista, -Antonio Candido-, contrário à aplicação de modelos teóricos pré-estabelecidos, porque estava interessado em investigar processos de

criação, analisava os procedimentos que permitem articular as complexas relações entre as partes e o todo de um objeto artístico. Ainda em entrevista disse que: “Esse processo que conceituei como “redução estrutural” está no cerne de sua investigação do processo criativo.

Reconhecer os meios materiais, até mesmo de produção de verdades, sejam elas, morais, científicas, intelectuais ou fictícias é compreender os métodos de investigação a respeito dos processos e do desenvolvimento dessas práticas, buscando suas origens, características e possíveis reações dentro de uma estrutura complexa que são as relações humanas. Rebater a interpretação do prefácio de Huxley feita por Olavo de Carvalho é uma forma de luta individual que representa uma existência acadêmica de vinte e três anos e dez de profissão, capaz de articular meios explicativos teóricos, práticos e artísticos para concluir que enquanto o investimento e a renda forem destinadas para o financiamento de “fake news”, conhecimento nenhum será válido, principalmente se vier de professores da escola pública, classe baixa, sucateada e engolida pela burocracia da modernidade.

O recorte temporal histórico da implantação do Estado Republicano, na virada do século XIX para o XX, primeiras décadas, ou seja, época da ” escalada e o custo extraordinário dos confrontos bélicos no prata, em especial a catastrófica guerra do Paraguai, endividou e desestabilizou o império brasileiro, em (1870), quando fundou-se o Partido Republicano brasileiro, uma nova elite de jovens se formava, de intelectuais, políticos e militares” (SEVCENKO, 1998, P.14) em relação com os dias atuais, após golpes e ditaduras, onde mais uma vez em uma virada de século se propõe uma Constituição Federal do Estado Democrático de Direitos no Brasil (1988), no entanto a escalada e custos extraordinários no momento são para os financiamentos de verdades e pareceres técnicos.

Temas novos e novas relações se estabeleceram nesses primeiros anos do século XXI, qual o papel da sociologia e dos clássicos na educação em meio a tudo isso? Como a disciplina pode colaborar com a formação cidadã dos professores e dos alunos e desenvolver competências e habilidades para as novas demandas de leitura e interpretação de tecnologias e inovações nas formas de representação de ideias e de conhecimentos?

Todo o resgate do contexto histórico, sociológico, filosófico e político foi necessário para que os conceitos de classe social, burocracia e dominação que podem ser apreendidos na ciência sociológica e na Literatura como uma forma de pensar o mundo e a relação da sociedade com o processo criativo de leitura e representação das ideias, bem como as noções de desenvolvimento e progresso que eram dissipados a partir do final do século XIX e início do século XX e nos anos 1930-1945.

A repercussão das tentativas de mudanças e as transformações na cultura e no ensino, em particular das ciências sociais e humanas, caminharam em direção aos avanços que o sistema capitalista impuseram e conforme as demandas por bens e serviços e meios de produção. A questão é, em que medida a história se repete referentes ao conhecimento, ciência e tecnologia reproduzidas nas interpretações e entendimentos de processos históricos de lutas e combate ao declínio e a degeneração da classe de profissionais, denominada Categoria O, contrato temporário precário de trabalho, burocracias e apropriação do excedente do tempo laboral, perda de direitos e de sentidos entre teoria e a realidade em função de racionalizações, metas, prazos, planos, ações, números e horas perdidas. Enquanto Olavos de Carvalhos e Dallagnois⁷ recebem fortunas para mentirem e produzirem conhecimentos rasos e superficiais e fabricarem currículos e apresentações em mídias nacionais, que eu, professora, 40 anos, parda, classe baixa, assalariada, mulher, mãe solteira, graduada, uma especialização, prestes a finalizar esta dissertação, que leu mais de oito vezes o livro de Huxley e em 20 anos algumas teorias, levaria um século para ganhar e/ou investir na minha formação, evoluímos ou não?

O objetivo principal desta pesquisa material e histórica em que fatos, pensamentos e posicionamentos são postos em diálogo por meio do discurso literário com os conceitos da ciência sociológica ao longo de um período de revoluções. Esta abordagem em relação aos avanços tecnológicos e das relações sociais de trabalho, com foco específico na condição do professor e do ensino básico na escola pública como prática laboral diária, para analisarmos, compreendermos e refletirmos sobre o que estamos replicando ou revolucionando em nossas práticas educacionais. E em que

⁷ Deltan Martinazzo Dallagnol, Deputado Federal que teve seu mandato cassado por decisão unânime do Tribunal Superior Eleitoral - TSE, após comprovação de participação em esquema político jurídico de manutenção das relações de poder em órgãos de regulamentação, julgamento e aplicação de leis e direitos.

sentido o aparato Estatal, os movimentos sociais e os meios de comunicação e cultura contribuem para a formação ou degradação da profissão docente.

Capítulo I - Literatura, Sociologia e suas gêneses

Nos estudos literários, um segmento de texto pode ser concebido como história ou filosofia e só depois ser classificado como Literatura, ou pode começar como literatura e passar a ser valorizado pelo seu valor arqueológico, não existe uma “essência” inerente a literatura, as pessoas que a aceitam desta maneira, independente da intenção escrita do autor (EAGLETON, 2006, Pág. 22), e o “valor” é transitivo, pois depende das especificidades de cada época, grupo e os objetivos que levaram certa escrita a ser valorizada, sendo assim, a literariedade de um texto não é estável e por isso não há um conjunto de regras que possam determinar a natureza do texto literário.

Mais ou menos nos fins do século XVIII que a literatura foi inventada, e no século XIX tal como é na modernidade, basicamente o que ocorreu foi uma limitação da categoria da chamada obra “criativa” ou “imaginativa”, uma nova demarcação dos discursos que deixava de ser utilitarista e mecanismo de divulgação do capitalismo, para tornar-se algo visionário ou inventivo. Para Eagleton a “criação imaginativa” pode ser oferecida como uma imagem do trabalho não alienado, a poesia seria uma crítica orgânica às ideologias racionalistas ou empiristas escravizadas ao fato.

Porém, ao julgar e atribuir valores para certos textos, fatalmente recairá em reproduções ideológicas, aquelas inconscientes, com raízes profundas que determinam as formas de sentir, perceber, avaliar e acreditar, geralmente são reproduções do poder social, então o que se considera um bom texto está relacionado ao grau de prestígio que se dá a ele e de quem o prestigia.

Os estudos da narrativa na esfera da crítica literária, vista como ciência, a fenomenologia⁸ que influenciou os formalistas russos, bem como Antônio Cândido, pensadores que passaram a estudar os textos literários, que assim como Edmund Husserl⁹, que propôs uma teoria do conhecimento dos objetos e dos fatos literários, o qual todos eles focalizavam na maneira como o fenômeno era percebido, reduzindo-o ao

⁸ Fenomenologia: compreendida como método da crítica do conhecimento universal das essências, segundo Edmund Husserl (1859-1938), método que é a própria ciência da essência do conhecimento, ou doutrina universal das essências. (GALEFFI, 2000, Pág.14)

⁹ Edmund Husserl filósofo que buscou um método rigoroso para estudar os fenômenos das subjetividades e de como as ações humanas são concretizadas, ou seja, os impulsos e a intencionalidade que as motivam.

que tipicamente se repetem em um objeto de estudos literários, os tipos de imagens e padrões que o autor expressa, não se considera nesta a abordagem, linguagem gráficas e fônicas. Já na obra de Huxley o som e a disposição das letras e todas as formas sensoriais são chaves para condicionar o ser, além da língua falada e escrita observadas apenas em suas estruturas e não em seus sentidos, reais, possíveis ou absurdos.

É bem certo que a Literatura e as interpretações de todo tipo de escrita narrativa e discursivas são materiais compostos de valores e morais da sociedade e de como o criador dessas obras, consideradas artísticas, filosóficas ou científicas a depender da época e do lugar onde são divulgadas estão diretamente relacionadas às interações e possibilidades de acesso à informação e espaços de poder. Por isso o estudo de um texto literário não pode ser distanciado de outras áreas do conhecimento, principalmente da sociologia, que dá a imaginação criativa os conceitos, as noções e métodos para cada indivíduo construir seu próprio mundo, no sentido de conhecê-lo, interpretá-lo, compreendê-lo e transformá-lo conforme as necessidades históricas e as possibilidades individuais.

As reflexões sobre as origens e a natureza da vida social é quase tão antiga quanto a própria humanidade, mas a Sociologia, como um campo delimitado do saber científico, só emerge em meados do século XIX na Europa. (QUINTANEIRO, 2003, Pág. 8), as correntes de pensamento que estabeleceram os alicerces da modernidade européia - o racionalismo, o empirismo e o iluminismo¹⁰, já haviam pensado em como ordenar e regular os agrupamentos humanos, época que refletiu nos séculos seguintes e ainda hoje, como por exemplo a separação dos três poderes estatais teorizado e por Montesquieu em “*O espírito das leis*” (1748). “ (...) a lei em geral é um princípio de razão, deve-se procurar que as leis positivas, isto é, as leis políticas e civis, atendendo às particularidades do clima, da geografia, da raça e dos costumes de cada povo, sejam harmônicas com essa ordem maior. (QUINTANEIRO, ET AL, 2003, Pág. 14)

Os cernes da sociologia são sem dúvidas a crise, o caos, a desordem e a instabilidade, pois é neste contexto de turbulências e efervescências que ela surge como um método para racionalizar toda a complexidade dos fatos e fatores que moveram

¹⁰ Iluminismo Immanuel Kant (1724 – 1804)“O iluminismo representa a saída dos seres humanos de uma menoridade que estes mesmos se impuseram a si. (...) Sapere aude! [Ouse saber!] Tem coragem para fazer uso da tua própria razão!” Montesquieu (1689 – 1755), que através do seu livro “Espírito das Leis”, trouxe uma nova forma de pensar o governo. Razão, ciência e investimentos. Capitalismo. [Iluminismo: o que foi e qual a sua importância? | Politize!](#)

governos, instituições, grupos, associações e interações diversas. Essas mudanças e transformações não ocorreram subitamente, foram frutos de algumas dimensões sociais e intelectuais durante esse processo. Mesmo as concepções filosóficas radicais não sofrem mudanças radicais e rupturas drásticas, elas se entrelaçam e uma delas se torna predominante em relação à anterior, o sistema capitalista como modo de produção enfraqueceu formas de organizações sociais como os estamentos tradicionais - a aristocracia e o campesinato - “A capitalização e modernização da agricultura provocaram o êxodo de milhares de famílias que, expulsas de seu habitat ancestral, vagavam à procura de trabalho. As cidades, receptoras desses fluxos contínuos, foram crescendo acelerada e desordenadamente”. (QUINTANEIRO, ET AL, 2003, Pág. 8) O crescimento urbano rápido gerou demandas sociais relacionadas às necessidades desta população que se aglomeravam em locais insalubres e miseráveis repletos de violência, alcoolismo, fome e toda a espécie de marginalização e exclusão.

As primeiras sociologias a partir dos ideais iluministas que refletiram na racionalização dos fatos e eventos sociais com a finalidade de compreender as leis naturais das sociedades, estudos comparativos e históricos foram realizados sobre instituições e práticas no intuito de transformá-las e moldá-las segundo regras gerais, Auguste Comte (1798-1857) que generalizou o termo sociologia divulgou esse método de racionalização da vida em sociedade, segundo o autor a identificação de leis e regras gerais aplicáveis para a manutenção da ordem e o desenvolvimento do progresso, noções predominantes nos estudos sociais para resolver os problemas de saúde pública e ordenamento jurídico relacionado às questões privadas, como os casamentos, e as relações trabalhistas, devido às novas formas de negociar o tempo e os meios de produção na Europa das Revoluções.

No Brasil, a sociologia e as ciências sociais foram inauguradas por juristas não especializados, de 1880 até 1930, não havia pesquisas empíricas, as reflexões eram generalizantes com muita influência do positivismo herdado do direito e do evolucionismo científico e filosófico europeu, os principais aspectos da produção teórica estavam nas questões de raça e meio, bem como a tentativa de uma reconstrução histórica que eliminasse o passado escravista brasileiro,

Para além do direito positivado e da ciência pura como forma de regulação da sociedade que se transformava ao passo que o capitalismo se consolidava, aspectos físicos e biológicos quando tratamos de cultura e de um Estado organizado política e

administrativamente havia de se pensar no imaginário e no universo ficcional das pessoas que viviam aqui e a noção de mundo que possuíam para que pudessem participar das questões sociais em pauta na época e dos seus processos de transformação, a literatura e a arte desenvolveram papéis fundamentais, por exemplo, os primeiros jovens revolucionários, ou seja, as primeiras expressões de descontentamento e rompante com a tradição, não no campo estético, mas de temáticas, foram os baudelairianos, poetas que se inspiravam nos versos do francês Charles Baudelaire (1821-1867), é certo que ainda não poderíamos considerar uma literatura genuinamente brasileira, pois o que ocorria aqui era a deformação, ou seja, a adequação da forma e do universo libertário da França adequado às necessidades do Brasil.

1. Modernidade e Racionalização no Brasil

As questões que envolveram o direito, a sociedade e a cultura dos Estados modernos que se organizam conforme as transformações nos meios de produção e consumo, considerando os grandes fluxos migratórios por melhores condições de vida, principalmente no pós primeira guerra mundial, no período da segunda república brasileira, (Era Vargas, 1930-1945) a ideia de modernidade estava ligada a substituição da mão de obra escrava das fazendas pela do imigrante urbano da indústria, no entanto a base produtiva do país ainda era agroeconômica.

Justamente pelo motivo do Brasil ser um país de base rural e agrária, autores como o José Murilo de Carvalho (2019) argumentou em seu livro: *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*, que a proclamação da República tinha sido um fracasso, devido ao fato de o país não ter alcançado a liberdade plena, pelo déficit de cidadania e a desigualdade como marca, tudo por não terem conseguido vencer a herança colonial e escravagista e tão pouco ter encontrado uma identidade nacional e absorver os movimentos populares que emergiram durante o período de mudanças de regime.

Huxley ao apresentar seu personagem principal, um mestiço, filho da civilização e do atraso, de um lado tinha os conhecimentos técnicos e utilitários desconectados de sua realidade reproduzidos por sua mãe, uma Beta + (classificação dada aos operários do laboratório de incubação) e do outro lado tinha os escritos literários de Willian Shakespeare, da bíblia sagrada e ensinamentos tradicionais dos

povos originários que davam ao selvagem palavras e sentidos para sua existência deslocada e dolorida.

O autor de Admirável Mundo Novo, assim como os primeiros críticos literários apontaram para a importância da língua e da linguagem na manutenção de um sistema e da estruturação social, em relação ao gênero discursivo, o romance teve o papel de configurar a identidade das nações que se levantavam desde Homero, Virgílio, Camões, Cervantes e Shakespeare, no campo estético, o romantismo assim como a sociedade moderna tinha como característica a mistura de tradições e ressignificação de culturas, sublimadas nas produções artísticas. No Brasil, por exemplo, Machado de Assis teve tanto obras românticas quanto realistas e ele mesmo atenta para esta mistura de romantismo e realismo, dando origem ao realismo social, que se expressava por uma poesia progressista em política e desmistificadora das relações da vida afetiva.

Ainda no campo estético, que trata além da beleza, da harmonia e dos efeitos das produções artísticas, estuda os processos cognitivos que levam os indivíduos a apreciar ou não determinadas representações do mundo. Em reação ao subjetivismo romântico, o realismo surgiu como uma forma estética objetiva de descrição e classificação dos ambientes e personagens, contrapondo ao ideal romântico indigenista que construiu uma narrativa da história brasileira pelo viés do acordo pacífico entre o colono que se casava com uma “princesa basílica” para dar origem a um nativo puro.

Importante lembrar que muitos sujeitos defendiam o antigo regime monárquico e absolutista, estavam ligados diretamente às classes de tomada de poder, porque detinham seus cargos, orientações e visões eurocêntricas em determinados aspectos, como por exemplo as relações entre a monarquia e a igreja católica. E mesmo as reações revolucionárias contra os privilégios dos nobres e do clero no âmbito das relações privadas das elites, foram “ inspiradas nas correntes científicas, o Darwinismo Social inglês, o monismo¹¹ alemão e o positivismo francês de August Comte” (SEVCENKO, 1999, P.15).

Como a maioria dos intérpretes do Brasil eram juristas, grande parte formados em Coimbra tinham dificuldades enquanto narradores e produtores de um discurso

¹¹ A teoria monista admite a existência de apenas uma ordem jurídica coordenada no contexto de uma unidade normativa, logo, o Direito Internacional aplica-se diretamente na ordem jurídica dos Estados, independentemente de qualquer transformação.<<https://www.gilsonfreire.med.br/index.php/ubaldianos/8-artigo/25-breve-historia-do-monismo>>

científico e ao mesmo tempo produtores de ficção, onde o imaginário chocava com a realidade e perceberam que não tinha como neutralizar a mestiçagem e imitar o padrão de civilização europeu, a ideia de combate ao racismo daquela época era silenciar o negro e exaltar o progresso social e científicos pautados na exaltação da natureza e das coisas exóticas e o imaginário de terra prometida e próspera, um Admirável Mundo Novo a ser conquistado.

A chegada de muitos imigrantes (colonos) no primeiro período da República (1889 -1930), os primeiros passos para a construção de um Estado Democrático de Direitos e organização do povo neste território era necessário construir uma consciência ou um ideal coletivo, nos primeiros anos do século XX, os problemas eram de linguagem e comunicação e a oferta de instruções para essas pessoas que chegavam ao país, o Estado precisou intervir para promover um padrão, ou seja, regras e preceitos que fossem universalizantes que pudessem capacitar a sociedade para as transformações do tempo e do espaço, no Estado de São Paulo, por exemplo, em 1920, as reformas realizadas no campo educacional, com forte influência estadunidense e liberal da “Escola Nova”, foi a unificação do magistério e descentralização do poder com a criação das delegacias de ensino e o descarte do dogma e apropriação de metodologias de ensino que aproveitassem a experiência e a observação, ou seja, a prática e automação, condicionamento humano através do trabalho repetitivo e incentivos culturais midiáticos como rádio, revistas e impressos de todo gênero literário e discursivos às práticas esportivas e de lazer. (SEVCENKO, 1992, Pág.231)

Certamente a repercussão e as reações simetricamente inversa ocorreram entre os grupos católicos com seus simbolismos e o semimodernismo nacionalista, bem como a propagação das mídias como imprensa, rádio e literatura juntamente com esta abertura para o futuro e a “liberdade de escolha” de textos e universo cultural, os anos 30 também teve um crescente interesse pelas correntes de esquerda, foi quando surgiram os primeiros livros de orientação marxista, então a configuração da república do “Estado Novo” reunia liberais, conservadores integralistas e socialistas, os primeiros com o intuito de renovação, os segundos em se manterem no poder e os terceiros que lutavam por inclusão e por direitos.

A finalidade da educação pública naquele contexto de modernização e revitalização da sociedade era de diminuir as desigualdades sociais e culturais, as políticas educacionais foram pautadas em uma ideia de progresso e evolução, movidos

pelo acúmulo de capital e produção de bens e serviços para manter o “*welfare state*” e a regulação da sociedade, para isto foi necessário fazer o levantamento das demandas e conflitos, conhecer e reinterpretar o passado nacional, principalmente sobre a situação do negro e o indígena que estavam à margem do universo moderno e liberal que o Estado brasileiro almejava.

Por isso que as narrativas e os discursos que foram criados em torno das pesquisas nos cursos superiores recém-criados no Brasil se relacionam a temas e problemas das coisas tipicamente brasileiras ligadas ao “Realismo socialista”, estética artística que tinha como objetivo a crítica social, não do ponto de vista de como deveria ser, e sim valorizar o que tínhamos por aqui, exuberância e abundância de recursos naturais.

Muitos desses estudos foram descritivos e classificatórios, na tentativa de correção e transformação social para que o país deixasse de ser atrasado. Porém as classificações segregadoras que surgiram em relação às capacidades de aprendizagem e acesso da população aos bens culturais e imateriais considerados esclarecidos deram margem para exclusão e opressão daquilo que não cabia no modelo, este vindo de um controle absoluto, de uma política médico higienista e de um paradigma colonial civilizatório.(SCHWARCZ, 2013, P. 25) No livro de Huxley, a visão determinista e classificatória das pessoas e dos grupos está representada de acordo com o porte físico e aparência até inteligência e habilidades, e estes fatores se relacionam ao tipo de emprego e de quais bens e serviços cada grupo terá acesso.

Quando pensamos atualmente na oferta do ensino público, é preciso entender o porquê a educação no país incorpora essa lógica excludente e meritocrática, para refletir e não reforçar a imagem de culpa e incapacidade intelectual dos alunos (DAYRELL, 2007, P. 1116), podemos rever e retomar os sujeitos e as influências ideológicas na estruturação do Estado, que ao longo da história não foi capaz de reduzir as desigualdades e propiciar a cidadania, mesmo porque as condições de chegada e permanência no país, na república, na indústria e na escola não foram iguais para todos os sujeitos no decorrer da história. (MALAGUTTI, 2007, P.8)

1.1 República e Sociedade, Arte e ensino

A organização do Estado moderno e suas funções na sociedade, como mediador e provedor da justiça social, controle e julgamento de conflitos provêm de modelos de Estatutos, Códigos e Regras que foram herdados da Europa e muitos deles não se aplicavam ao contexto e ao modo de vida industrial, modernizador e civilizador, por ser um território muito extenso e diversificado em termos culturais e históricos. Por isso a importância da criação dos cursos de história e sociologia para levantar os dados desse povo e as narrativas de todos os cantos do país, um exemplo da preocupação com a coleta desses dados foi a criação em 1933 da Escola de Sociologia e Política com forte influência norte americana no que se refere às questões urbanas e produtivas.

As imensas diferenças entre a realidade brasileira, as narrativas, crenças e modo de ser em cada espaço geográfico do país não era útil para o progresso e evolução da nação que no início do século XX efervesceu e se transformou devido aos altos investimentos em infraestrutura e tecnologias nos pólos urbanos com maior fluxo de pessoas, neste sentido a literatura e a sociologia funcionaram como uma lâmina de dois gumes, de um lado a literatura representava a monocultura agro econômica tradicional e do outro a sistematização dos processo de industrialização, imigração e migração no país. As sugestões e influências se incorporaram às estruturas das obras e os estudos críticos delas captavam a imposição e adaptação cultural e transfiguração da realidade, todo esse movimento intelectual para dar uma ideia de senso concreto e tentar perceber as tendências genealógicas, ou seja, a busca de um imaginário coletivo que transcendessem as diferenças e as desigualdades sociais.

A forma dialética de produzir as expressões do Brasil foi possível através da comparação temporal criada entre o futuro e o passado, a noção de primitivo em oposição ao moderno, de um lado o selvagem, o bárbaro, o mestiço, o ex-colono e do outro lado o futuro, a civilização, a sociedade organizada, projetada holograficamente.

As práticas de implementação de um processo de automação e de transformação do modo de vida da população que fossem compatíveis com os ideais liberais e futuristas foram necessárias, uma reforma arquitetônica nos grandes centros, bem como

uma revolução cultural¹² e na legislação, toda cultura tradicional, principalmente negra foram reprimidas, os difusores culturais como rádio, revistas, jornais e livros de grande tiragens e alcance receberam incentivos governamentais para a formação e manutenção da cultura letrada no “ Estado Novo”. O romance como gênero discursivo popular,, principalmente os publicados nos folhetins (episódios de novelas publicados diariamente nos jornais) funcionou como um catalisador e difusor cultural, sendo possível notar a correlação nova que se instaurou nas primeiras décadas do século XX entre o intelectual e o artista e a sociedade e o Estado.

O romance foi o meio de comunicação que serviu para popularizar e determinar as lógicas culturais do país, quanto a estética em relação a maneira de narrar, o romantismo como construção artística, a princípio, representado no indianismo com uma narrativa de um passado glorioso e pacífico na união do branco com o nativo, um exemplo dessa literatura pode ser fruído no romance brasileiro, *Iracema* de José de Alencar, enquanto que na crítica universal de Huxley em *Admirável Mundo Novo* o encontro do branco com os nativos ocorre de forma dolorosa e aniquiladora, nas cenas em que John, o personagem principal, relata as violências físicas e simbólicas sofridas em sua infância vividas na reserva dos selvagens até o seu suicídio na sociedade civilizada e desfecho do enredo do livro.

Em contrapartida o realismo social, estética Literária que se distanciou da filosofia alemã idealista e colocou o homem de carne e osso no curso da história, sob influências de Karl Marx (1818-1883), surgiu como instrumento de crítica e desmistificação dessas ficções cristalizadas no imaginário coletivo, pautado em observações e qualificações de indivíduos, comportamentos e ambientes reais e as suas necessidades materiais para agirem.

Devido aos fatos históricos e ao processo de aculturação¹³ no país por meio da literatura, ora idealistas românticas, ora realista/naturalista, onde realidade e ficção se misturam tanto a ponto de ter surgido na América Latina um estilo literário próprio, denominado de real maravilhoso, ou realismo fantástico. Isto porque, na tentativa e no processo de produção de uma identidade nacional, as particularidades regionais do povo brasileiro precisavam ganhar realce e alcance universal, que naquela altura era a noção

¹² 1900-1920 Assinala a introdução no país de novos padrões de consumo, instigados pela agressiva onda publicitária, além do mercado fonográfico voltados para danças ritmadas e danças sensuais in *História da vida privada no Brasil*, org. SEVCENKO, 1998.

¹³ Absorção de modos e formas de ser e pensar de outras culturas.

de universalidade positivada que os países “civilizados” preconizavam por meio das traduções dos clássicos europeus, tanto de vertentes liberais burguesas como de visões sociais democratas, influências francesas, com o método sociológico de Émile Durkheim (1858-1917) nos cursos superiores de formação em ciências sociais e no romantismo burguês brasileiro e as leituras e abordagens materiais e históricas relacionadas às produções concretas e estruturações da sociedade brasileira para compreender as crescentes transformações nas relações de trabalho fundamentadas nas correntes marxistas. (QUINTANEIRO, ET AL, 2003, Pág. 33).

A escolha e a abordagem de textos literários nas escolas, centros educacionais e nos meios de comunicação e difusão culturais tiveram e ainda têm um papel de destaque para a compreensão e reflexão das ações e comportamentos humanos e tudo o quanto for possível representar na forma das narrativas e dos discursos estudados, em todas as tipologias e gêneros textuais, podemos destacar fatos e a função social de cada um desses objetos de estudos fruto do trabalho humano. Não seria possível aprender e ensinar sem exemplos e elementos da produção oral e escrita da sociedade, sejam eles fictícios ou empíricos, foram, são e serão as verdades que o ser humano produz para existir e explicar o seu entorno e até mesmo aquilo que os as mãos não podem alcançar, como a fé, a paz e a felicidade.

Em um trecho do livro de Huxley, o autor dá um exemplo da força que as narrativas possuem na formação humana, quando Linda, mãe de John, dá a ele uma obra de Shakespeare após ter sido alfabetizado com o apoio de manuais de instruções, o jovem entra em êxtase ao encontrar palavras em Romeu e Julieta e em outras obras literárias para expressar o que sentia.

1.2 Classes Sociais e divisão do trabalho

Devido aos grandes avanços na ciência e na indústria e a disseminação de um modo de vida massificado, as diferenças e desigualdades culturais, econômicas e políticas no Estado Novo (1937-1945) que se configurava, alguns estudos e nomes se destacaram, hoje tidos como clássicos da década de 1930 até 1950 do pensamento social brasileiro, pois foram os intelectuais que se propuseram a analisar e discorrer sobre

temas e questões da sociedade, muitos deles além de cientistas sociais foram escritores de romances de valor crítico analítico do contexto cultural e social daquela época.

O regime e as relações de poder sofreram mudanças, porém o sistema penal inquisitório e repressivo foi e ainda é mantido como ação própria do Estado como meio de manter a ordem e o progresso, uma explicação para este fenômeno estrutural da sociedade brasileira deve-se às instituições que ganharam forças e domínios durante a passagem do antigo regime para o Estado organizado administrativamente. Os médicos, juristas e engenheiros foram o grupo de profissionais com maior destaque na formação da identidade nacional e das relações de poder institucionalizados no país, devido ao caos e a desordem instaurados pelos avanços urbanos e industriais, o que justifica os incentivos do governo às políticas de revitalização, higienização e proibições para combater os males da sociedade, como alcoolismo, doenças, violência, prostituição e condições insalubres de moradia.

“As Desigualdades Sociais na história da sociedade brasileira estão permeadas de situações nas quais um ou mais aspectos importantes da questão social estão presentes. Reflete disparidades econômicas, políticas e culturais, envolvendo classes sociais, grupos raciais e formações regionais. Sempre põe em causa as relações entre amplos segmentos da sociedade civil e o poder estatal.” (IANNI, 1989, P.190)

Ao longo da história social brasileira, as manifestações e respostas às crises foram tratadas como caso de polícia e as repressões desde Canudos e Balaiada baixo o argumento de pacificação (extermínio), ou seja, a criminalização da questão social como justificativa para as penas e o controle do Estado.

“Praticamente pouco mais de um século após a Abolição da Escravatura, ainda ressoa no pensamento social brasileiro a suspeita de que a vítima é culpada. Há estudos em que a “miséria”, a “pobreza” e a “ignorância” parecem estados de natureza, ou da responsabilidade do miserável, pobre, analfabeto.” (IANNI, 1989, P.192)

Justamente porque as pesquisas e intervenções nas questões sociais, foram propostas por um grupo de profissionais serviram como remédio para equacionar as desigualdades e como ideia de dignidade humana, vejamos a seguir o que Octávio Ianni

expôs, “Logo após a Abolição, o jornalista francês *Max Leclerc*¹⁴ colocava o tema que afligia muitos, principalmente aqueles interessados no trabalho produtivo.' A escravidão não perdurou tanto tempo no país sem produzir amargos frutos. É de grande urgência reabilitar o trabalho livre, restaurar a dignidade humana". Texto traduzido pelo crítico literário e humorista Sérgio Milliet, publicado em uma coletânea em 1942 sob o título: “*Cartas do Brasil*”.

Sampaio Dória¹⁵ (1883 -1964), percebeu que o trabalho estava no centro da questão social. Podem discutir-se as abordagens, as implicações econômicas e políticas da questão social, em termos liberais, conservadores, socialistas ou outros. Mas o fundamental é codificar as condições de oferta e demanda de força de trabalho. Envolvido com os pensadores¹⁶ da “Escola Nova” e da renovação das práticas metodológicas de ensino com tendências liberais baseadas no modelo econômico em expansão, automação e acúmulo de capital intensivo, percebe-se que a história da questão social no Brasil pode ser vista como a história das formas de trabalho que os ciclos produtivos demandam e de como a mão de obra e os recursos naturais serão explorados, seja no campo ou no espaço urbano, bem como sempre terá uma forte apologia do trabalho como símbolo de dignidade e merecimento.

1.2 Profissões no Brasil

As profissões são elementos importantes na própria formação do Estado brasileiro “é difícil compreender o funcionamento do estado brasileiro sem estar atento ao trabalho de instituição realizado, ao longo do século XX, pelos engenheiros (na criação de conselhos e empresas estatais em áreas consideradas estratégicas) e

¹⁴ Max Leclerc foi enviado ao Brasil, em dezembro de 1889, para escrever sobre a recém-instalada República, pelo *Journal des Débats*, de Paris, um dos diários mais influentes da França. A coletânea de artigos foi publicado, em 1942, pela Editora Nacional, em forma de livro, traduzido por Sérgio Milliet com o título “*Cartas do Brasil*”.

¹⁵ Antônio de Sampaio Dória: Convidado pelo governo do Estado para coordenar a reforma do ensino paulista, Sistematizado na lei nº 1750, de 8 de dezembro de 1920, a ação trouxe várias novidades e procedimentos ainda hoje vigentes.

<<https://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/antonio-de-sampaio-doria>>

¹⁶ Anísio Teixeira (1900- 1971), Fernando de Azevedo (1894 - 1974), Lourenço Filho (1897-1970) e a poeta Cecília Meireles (1901-1964) eram alguns dos 26 intelectuais que assinaram o documento. Eles pregavam a universalização da escola pública, laica e gratuita.

economistas (que, na esteira aberta pelos engenheiros, deixam sua marca profunda no Estado através dos planos e políticas econômicas” (BARBOSA, 2003, Pág. 603).

A ciência moderna foi e é influenciada pelo capitalismo e pelo liberalismo burguês e toda a sua expansão colonizadora pelo mundo, numa lógica civilizatória e linear sobre a cultura do outro, o que significa domínios técnicos e produtivos dentro da ordem social em sistema de acúmulo de capital e o que podemos perceber partir disso é a valorização e o prestígio por áreas do conhecimento jurídico legal, médico sanitário e da engenharia e tecnologia, enquanto que as profissões como menos capital material e aparentemente menos influentes nos espaços de tomada de decisão e de poder de ações sociais e políticas, corroboram com a manutenção dos privilégios dados a primeira classe de trabalhadores, os profissionais liberais técnicos especialistas, cujos os conhecimentos e posicionamentos são irrefutáveis e replicáveis como verdades absolutas. Hoje ainda é comum pensarmos nas formações acadêmicas nessas áreas de prestígio como meio de acesso e de mobilidade às camadas mais elevadas dentre as classes sociais.

No entanto, o livro de ficção científica de Aldous Huxley traz exactamente a crítica social referente a manipulação das mentes e a classificação dos indivíduos através das sugestões que as palavras conseguem causar nos seres humanos e de como os discursos e os meios para emocionar e mover a sociedade de acordo com os sistemas produtivos e de interesses mercadológicos, a indústria imaterial, de produção de ideias e da linguagem ganhou espaço na pesquisa científica, visto que, para que a sociedade funcionasse e se adaptasse ao ritmo dos novos tempos, termos, formas e gestos precisavam ser mostrados e sugeridos. A maneira exposta por Huxley é a automação, modelo muito difundido no início do século XX, conhecido como Fordismo e o Taylorismo¹⁷ que se resume basicamente em produzir grande quantidade sem dar a devida atenção para as questões da qualidade e principalmente sem nenhuma previsão de consequências nos meios ambientais e psicossociais aos quais a sociedade está inserida, esta lógica de produção em massa não se resume apenas aos bens materiais, a

¹⁷ Fordismo e Taylorismo: Clássico *Principles of scientific management*, 1911 de autoria do engenheiro norte-americano Frederick Winslow Taylor (1856-1915), podem ser resumidos em cinco princípios básicos: (1) dividir o trabalho entre aqueles que pensam (gerentes) e os que executam (trabalhadores); (2) utilizar métodos científicos para identificar a forma mais eficiente (“the one best way”) de fazer um trabalho; (3) selecionar a pessoa certa para desempenhar uma determinada tarefa; (4) treinar o trabalhador para executar o trabalho eficientemente; e (5) fiscalizar o trabalho para assegurar que ele seja executado de maneira apropriada. Basicamente foram novas técnicas implementadas a partir da revolução industrial onde o consumo em massa e a produção em larga escala eram incentivados.

difusão de conhecimentos, informações e saberes em larga escala é necessária para a manutenção da cultura do subconsumo.

Huxley apresenta este processo de replicação de sugestões como hipnopédia, método de replicação de um axioma até torná-lo comum, cristalizado como uma verdade absoluta, lógico que a fonte e o poder de alcance das ideias são requisitos para a aceitação ou recusa das mesmas. O autor, através da ficção científica e apoiado no estilo do gênero distópico de narrar e estruturar os discursos que se intercalam entre questionamento filosófico, quando há os diálogos entre o selvagem (personagem chamado John) e um dos administradores do mundo novo e cenas de práticas diárias que justificam as reflexões críticas trazidas por ele nesta tipologia textual como meio de projeção das teorias e análise dos fatos.

Além da questão da forma como a obra foi produzida, há a abordagem dos conteúdos tratados por Huxley que vão ao encontro da discussão apresentada neste trabalho que é a construção de uma comunidade entre os indivíduos para a manutenção do Estado e do sistema capitalista, no entanto a crítica e a reflexão que se faz é sobre os silenciamentos e distanciamentos sociais entre as classes profissionais, em específico o trabalho docente, que está se deteriorando cada vez mais, perdendo direitos, prestígio e espaços de poder e de decisão.

Huxley trabalhou esta estruturação da sociedade moderna capitalista da seguinte forma, as cenas ocorrem em três níveis discursivos, primeiro as do enredo que apresentam o contexto e o funcionamento das coisas e o lugar de cada indivíduo conforme suas características e habilidades dentro do corpo social, em segundo plano faz a crítica ao modelo através das dúvidas levantadas por John, o selvagem, e em um terceiro nível discursivo, a fundamentação teórica e científica destacadas pelo autor para responder às indagações do selvagem e prever as consequências do condicionamento dos comportamentos massificados sociais a longo prazo, por isso é considerado uma obra clássica e tem sido objeto de estudos e de aporte para ressignificações do mundo contemporâneo.

“A literatura é, pois, um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse

processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo.”(CANDIDO, 1967, P. 56)

Esta leitura ressignificativa do clássico Admirável Mundo Novo que buscou no campo do conhecimento da sociologia o reconhecimento do eu no espelho do outro, dando o devido distanciamento dos significados e caracterizações que as narrativas e discursos cristalizaram ao longo da história, para fins didáticos o romance de Huxley foi selecionado como expressão artística literária para ilustrar e explicar conceitos e temas que se aplicam às questões contemporâneas relacionadas ao ensino que refletem no acesso à profissionalização, mobilidade nas classes sociais, “fake news” e poder.

1.4 Professores, Poder e “fake News”

Qual o lugar que o docente ocupa na divisão social do trabalho e quais foram as transformações históricas e sociais produzidas por essa classe de agentes? Ao compreender a condição do professor dentro da lógica capitalista, onde há uma dinâmica de exploração do trabalho por aqueles que detêm os meios de produção, o trabalhador que vende suas horas de trabalho em troca de um salário. Os professores, por sua vez, não possuem os meios de produção fora da atividade, se desconsiderarmos os materiais didáticos e as abordagens de que o docente dispõe, eles possuem apenas a força de trabalho para ser vendida no mercado, têm o processo de trabalho normatizado pelo Estado e participam de associações e sindicatos semelhantes ao conjunto dos trabalhadores. (ALVES, 2009. Pág.29)

Os debates contemporâneos sobre a ocupação da classe trabalhadora dentro das classificações de posição social dentro da esfera estrutural de poderes apresentada por Max Webber, o econômico, o político, o carismático e o militar, o docente estaria entre uma classe média proletarizada para alguns autores (PESSANHA, 1994) e para outros como a “nova classe média” ou “ a nova classe operária”, Marx, se referia ao termo “classe média” como “pequena burguesia”, classificando-a como camada social que está entre a burguesia e a classe operária pela tendência crescente deste grupo, em função do desenvolvimento do capitalismo, e as principais características ideológicas são ter uma face política conservadora e reformista.

A construção da figura do professor ao longo da história fazem parte de estudos que relembram a função docente, que era ocupada por pessoas comuns detentoras de saberes tradicionais que atuavam muitas vezes como autodidatas e eram o centro do processo educativo, por exemplo padres, chefe da comunidade, pajé, pastor, sem possuir as características de um profissional com ocupação regulamentada legalmente pelo Estado. Esta condição foi se alterando conforme a crescente demanda por esses profissionais em razão do crescimento das cidades e da população, a partir dos anos 1920, crescem as contratações de professores pelo Estado, e os mestres passam a ter as suas funções regulamentadas e a tornar-se assalariados do governo.

Uma pesquisa desenvolvida por Tumolo e Fontana (2008) realizou um levantamento da produção acadêmica acerca do trabalho docente num recorte temporal da década de noventa. Foram inventariadas trinta e nove publicações: três teses, quinze dissertações, onze artigos, dez livros, elaboraram uma síntese das principais análises. Segundo esses autores, os estudos sobre a proletarização estão relacionados às discussões a respeito da identificação da proletarização do docente como um processo que se opõe à profissionalização, com destaque para as discussões sobre a feminização do magistério; a (re)organização escolar e a atividade docente; a organização de classe e o docente como trabalhador produtivo. (ALVES,2009,Pág.31)

Quando Huxley sugere em seu prefácio na década de 50, vinte anos após a primeira edição do seu clássico Admirável Mundo Novo um memorial grande e visível dedicado aos professores, ele já previa a emergência de uma classe que crescia e os conflitos e lutas as quais fariam parte, a importância que Aldous dá aos docentes está relacionada diretamente com a reprodução da vida produtiva capitalista, aos mestres cabe a função de propagar conhecimentos no ato de ensinar, no entanto com a regulamentação estatal, os modelos curriculares a serem seguidos e todo o padrão social a ser seguido, a classe pode tornar-se replicador das elites, os embates e as lutas por melhores condições acontecem também, devido a precarização e a desvalorização do seu trabalho enquanto produtor de sua própria existência.

Ao proletarizar o trabalho docente, que seria a perda da autonomia para planejar e executar o seu trabalho, servindo como instrumento de afazeres burocráticos e

técnicos controlados administrativamente, este perde completamente o sentido da realidade, inclusive de suas próprias necessidades históricas e humanas como a perda de direitos e espaço de poder. Reflexões sobre a posição do professor na sociedade por (Fernandes, 1987, p.31), “num passado recente, seria considerada uma afronta para um professor ser chamado "assalariado", mas, atualmente a situação é inversa, “... se impõem certas normas na revalorização econômica da categoria profissional e na conquista de maior liberdade em outro espaço cultural”.

Sobre a questão de gênero é importante evidenciar a feminilização da profissão como um fator a ser considerado na desvalorização da classe, visto que o Brasil é estatisticamente e culturalmente um país de patriarcal e machista, ao retomarmos a história das profissões e a luta das mulheres por salários, direitos e poderes é muito atual. No livro, as mulheres não tinham representação na classe Alfa e nem na Beta mais, elas ocupam na trama de Huxley as funções pragmáticas executáveis segundo manuais e técnicas pré estabelecidas, tanto é que a figura de um professor nem existe no enredo, foram substituídos por enfermeiras e cuidadoras, assim como as Betas, trabalhadoras da linha de produção humana nos laboratórios que substituíram as mulheres domésticas, ama do lar, inclusive nas relações de prazer íntimo eliminando a necessidade do casamento.

A literatura produzida por Huxley deu a dimensão imagética da condição humana adaptadas às relações que se estabelecem entre sociedade, Estado e a cultura, as mudanças e as transformações implicam diretamente nas condições de trabalho e qualificação da profissão, quando o docente está alienado pelos processos de ir e vir de uma escola e de uma sala para outra, seu tempo e trabalho são controlados administrativamente o mesmo perde a autonomia sobre as suas ações. Por isso que o processo de rotinização e automação são criticados no livro, justamente porque se perde a humanidade e é no combate a desumanização que a Literatura se torna um dos principais instrumentos de luta contra a proletarização dos docentes e a possibilidade de existir dentro de um contexto machista, patriarcal de engenheiros, médicos e juristas em sua maioria homens.

O ensino de sociologia juntamente com os estudos literários são conhecimentos imprescindíveis para o reconhecimento histórico do professor e para a compreensão do seu lugar na estrutura social, para desmistificar, contextualizar e analisar do ponto de

vista crítico metodológico os saberes e as forças que atuam dentro das instituições e que se estabelecem durante os períodos de transformações e mudanças, é com base na língua e na linguagem que o mesmo é capaz de negociar sua força e condições de trabalho.

Mesmo que o docente vem sendo posto em um lugar desmerecido e desvalorizado seus atos e suas práticas não seriam regulamentadas pelo Estado se esses agentes não cumprissem um papel necessário para a manutenção da estabilidade social, sejam elas na replicação dos ideais das elites ou nas lutas por melhorias para a classe. Os discursos e as narrativas levadas para dentro da sala de aula podem ser verdades pré estabelecidas e distantes das realidades, próximas de “fake news”, ou enxergar-se e os estudantes também como seres de carne e osso no rio da história e articular saberes para produzir suas próprias verdades.

É neste ponto que a profissão docente relaciona-se com a noção de poder, porém o poder que Huxley havia destacado no século passado, a força mais eficaz e rápida, sugestões disparadas em larga escala, o poder da palavra e de poder repetir muitas vezes algo para um bom número de alunos. Esse é poder do professor, produzir, controlar ou combater “fakes”, não só as notícias, mas toda a espécie de conhecimento e de verdade que aliena as pessoas e as transformam em força de trabalho e objeto de exploração capital através do condicionamento dos seus corpos e mentes.

CAPÍTULO II - Admirável Mundo Novo

Muitos trabalhos e leituras foram realizados a partir do clássico, *Admirável Mundo Novo* de Aldous Huxley, devido ao fato de sua originalidade e pelo seu tom apocalíptico em relação a massificação e classificações humanas, na maior parte das análises o livro tem sido visto como uma Utopia, ou seja, um holograma de uma sociedade ideal.

No entanto esta maneira de abordar a obra não é assertiva, justamente porque o autor faz uma denúncia implícita a respeito das configurações da sociedade de consumo e dos seus impactos nas culturas e não o contrário, pois em nenhum momento a narrativa mostra uma sociedade perfeita e emancipada, porque o utopista é aquele cuja função é deslocar a fronteira daquilo que os contemporâneos julgam possível, no sentido positivo e emancipatório e no caso do enredo produzido por Huxley isto não ocorre, devido às circunstâncias da massificação e da desagregação dos indivíduos para uma finalidade comum, a produção e o consumo de bens e serviços. Para fazer *jus* a pretensão desta literatura apresentada por Huxley, que foi certamente fazer uma denúncia às instituições e as formas técnicas e burocráticas de controle social, a leitura e o sentido inteligível aos nossos tempos seria o que a professora Marilena Chauí propõe, que é justamente o inverso da utopia, chamada por ela por distopia ou antiutopia.

A construção narrativa e discursiva que o autor articula no livro é uma forma de contraste e contraponto, ele apresenta as cenas fictícias exageradamente, como se estivessem sob a lentes de um microscópio, em seguida questiona as divergências e contradições nas experiências humanas existenciais e em meio às cenas do enredo ficcional apresenta teorias e justificativas científicas para dar verossimilhança à trama, próprio do gênero literário ficção científica, visto que a classificação do mesmo é auto explicativa.

Ao propor uma narrativa ficcional que se justifica pelos métodos científicos, Huxley demonstra em primeiro plano o que estava em pauta na época sobre as formas de produzir verdades e como comprová-las, reflexões filosóficas importantíssimas e polêmicas em um recorte temporal de grande domínio do homem sobre a natureza, onde surgiram debates sobre limites éticos e morais da aplicação da ciência em razão do acúmulo de capital e da regulação dos grupos e das ações humanas.

Brevemente, uma leitura distópica é justamente a crítica social que une duas vertentes antagônicas, compara seus elementos e avalia as reações e os sentidos possíveis a partir delas, se trata de abordagens interpretativas pautadas nas relações humanas próprias de cada tempo e lugar, o que pode dar margem para colocações ideológicas e alienantes como foi o caso da introdução à edição de 2011 para os exemplares do PNDE destinados às salas de leitura das escolas da rede estadual de São Paulo feita por Olavo de Carvalho, apesar de prestigiado nos meios acadêmicos e por uma legião de adeptos aos seus discursos, não possuía formação acadêmica formal, foi jornalista, astrólogo e comentarista, em sua página oficial reconhecida como organização governamental (.org), é reverenciado como um grande pensador dos nossos tempos apenas por atacar maneiras consolidadas e clássicas de análise crítica social, bem como formas ancestrais e óbvias de compreender o tempo, os ciclos e a vida.

A credibilidade que se dá a literatura e para a ciência a partir da leitura que Huxley nos traz pode ser posta em cheque, quando as narrativas e os discursos não dialogam com nenhuma realidade possível, e possui apenas um ponto de vista só poderá ser considerada uma verdade se repetida muitas vezes e validada por um grande número de pessoas sem nenhum questionamento, para isto, basta investimentos e propagação em grande escala.

2.1 Relações sociais: Entre o real, o ideal e o possível

No século das luzes e do esclarecimento, a vontade de mudanças e transformações, fez brotar a ideia de utopia como uma maneira racional de pensar a vida, sem dogmas, com foco nas inovações tecnológicas e no progresso social e político, porém ao longo dos séculos de modernização a ideologia progressista/evolucionista/futurista tornou-se um dogma também e o resultado foi a perda da liberdade e da subjetividade humana. Marilena Chauí destaca que:

“O termo foi inventado no XVI por Thomas More — *Utopia* é o título de uma obra escrita por esse filósofo —, porém passou a ser empregada para designar narrativas e discursos muito anteriores, como, por exemplo, a cidade ideal na República, Platão, ou o projeto da cidade perfeita traçada pelo geômetra e astrônomo grego Hipodamos de Mileto, que, aplicando a geometria e a astronomia ao plano urbanístico, concebeu a cidade de acordo com a harmonia cósmica, ou ainda a descrição da Idade de Ouro nos poemas dos latinos Virgílio e Ovídio”. (CHAUÍ, 2008, P.9)

Nos desdobramentos desses contextos inovadores e transformadores que surge a distopia no século XX como um método de ler e compreender os efeitos da racionalização moderna através do assombro, da crítica radical sobre os efeitos da perda da liberdade subjetiva, ela avalia os danos causados pelo excesso da instrumentalização da vida humana em prol da manutenção de um sistema que tem por base a dominação e o poder reproduzidos por meio da estruturação dos grupos em classes sociais, mensurados e classificados segundo o grau de prestígio econômico, político e cultural.

No livro a divisão do trabalho e das classes ocorrem através de metodologias e exercícios repetidos diariamente, a consciência de classe se dá conforme os aspectos físicos e intelectuais perceptíveis aos olhos, porém a construção e o condicionamento das atitudes e funções de cada classe são inculcados por meio das linguagens, escritas, orais, gráficas e sonoras, todos esses estímulos e atividades cotidianas compõem os destinos e funções de cada grupo dentro do corpo social, alfas, betas, gamas e ipsilones cada qual com sua cor, aspectos, habilidades e funções, (...) “ a cada um desses grupos cabem tanto tarefas distintas quanto porções maiores ou menores do produto social, já que eles ocupam posições desiguais relativamente ao controle e propriedade dos meios de produção”. (QUINTANEIRO ET AL, 2003, Pág.33)

Para Marx a divisão do trabalho e as relações sociais dependem das forças produtivas dos seres e elas não estão relacionadas aos seus aspectos físicos e psicológicos dos seres humanos e sim as condições materiais disponíveis para produzir a sua vida;

(...) as forças produtivas são o resultado da energia prática dos homens, mas essa mesma energia está determinada pelas condições em que os homens se encontram colocados, pelas forças produtivas já adquiridas, pela forma social anterior a eles, que eles não criaram e que é produto da geração anterior. O simples fato de que cada geração posterior encontre forças produtivas adquiridas pela geração precedente, que lhe servem de matéria-prima para a nova produção, cria na história dos homens uma conexão, cria uma história da humanidade, que é tanto mais a história da humanidade porque as forças produtivas dos homens e, por conseguinte, suas relações sociais adquiriram maior desenvolvimento¹⁸

Seguindo esta concepção materialista da história, na produção da vida os indivíduos geram também outra espécie de produtos que não têm forma material: as ideologias políticas, crenças religiosas, códigos morais e estéticos, sistemas legais, de

¹⁸ MARX. Carta a Annenkov, p. 470-471.

ensino, de comunicação, o conhecimento filosófico e científico, representações coletivas de sentimentos, ilusões, modos de pensar e concepções de vida diversos e plasmados de um modo peculiar QUINTANEIRO, 2002.

Avaliar a história sob o ponto de vista material podemos concluir que terão mais força e aceitação valores e existências com maiores possibilidades materiais e que as ideologias, crenças, códigos e toda a criação imagética e conceitual do mundo será sempre a partir daqueles que dispõem de vantagens e melhores condições de vida, a partir desta constatação justifica-se o desprestígio e a desvalorização do profissional docente, pois sua produção intelectual não é perceptível num mundo gerido pelo lucro e pela competitividade, pois ele se encontra em uma encruzilhada entre ensinar conceitos e ideias universais consolidadas aplicáveis aos fatos corriqueiros, que nem sempre são compatíveis com as necessidades dos estudantes dependendo da escolha do material didático e da abordagem dada a ele.

2.11. Ficção e ciência, Educação e Cultura

O choque entre culturas e hábitos no Brasil, foi e ainda é uma questão para o Estado moderno de grandes proporções, o estigma de primitivos e incultos paira ainda hoje nas noções que se tem sobre o povo e a nossa cultura, um exemplo disso é o racismo estrutural e diário praticado dentro e fora do país, muito desse preconceito se deve ao rótulo de país subdesenvolvido até meados do fim do século XX. Recentemente o Brasil junto com outros países denominados de BRICS¹⁹, ou seja, alguns Estados selecionados que devido ao seu estágio de desenvolvimento passaram a pertencer a este bloco, no entanto após mais uma crise do capital em 2008 e agora com a pandemia mundial, percebeu-se a fragilidade e instabilidade do país em se manter no bloco, devido ao nosso retorno no mapa da fome e a crescente desigualdade em momentos de crise econômica.

Huxley já previa este tipo de desagregação e as causas e consequências da produção e consumo em massa, da separação dos grupos em classes sociais conforme o determinismo biológico e geográfico, bem como a ciência caminhou para o

¹⁹Brasil, Rússia, Índia e China (STUENKEL, 2017).

desenvolvimento técnico e industrial com vistas para o lucro e geração de riquezas, e é exatamente neste aspecto que o romance serve de porta imagética e ficcional para reflexões e críticas sobre a formação política e social do Brasil e suas influências liberalistas, progressistas e socialistas, entre outras forças e movimentos que moldaram o pensamento e comportamentos da sociedade em cada contexto histórico em relação com a formação das classes sociais, as profissões de prestígio e poder e o papel do professor durante a segunda revolução industrial e tecnológica e atualmente como está a sua situação diante das “renovações e inovações” no campo do ensino e aprendizagem.

O direito à educação, declarado em lei, é recente e remonta ao final do século XIX e início do século XX. Mas seria pouco realista considerá-lo independente do jogo das forças sociais em conflito, Segundo o professor Norberto Bobbio (1909-2004), a respeito do direito, que para ele é a expressão máxima da modernidade e da relação do Estado com os indivíduos e a vida privada, “(...) característica da formação do Estado moderno e dos cidadãos: passou-se da prioridade dos deveres dos súditos à prioridade dos direitos do cidadão, emergindo um modo diferente de encarar a relação política, não mais do ângulo do soberano, e sim do cidadão, correspondente com a afirmação da teoria individualista da sociedade em contraposição a jusnaturalista²⁰”. (BOBBIO, 1992, P. 3).

Se a composição do Estado moderno desde o início da formação da sociedade brasileira republicana esteve atrelada aos conhecimentos jurídicos, médicos e da engenharia é bem natural a super valorização dessa classe de profissionais e as demais camadas da sociedade caminharam para o mesmo entendimento, seguindo para uma lógica de que a formação nessas áreas são sinal de prestígio e ascensão social, fatos constatados tanto no século passado como no presente. Quanto menos profissionais nestas áreas existirem mais serão valorizados, atualmente há um déficit de professores na Rede pública de Ensino, porém tentam mascarar fechando salas e aproveitando o mesmo profissional para diferentes funções, a chamada flexibilização do trabalho, manobras do governo para manter a precarização da classe e ter controle administrativo sobre os docentes.

²⁰ Direitos Naturais do homem, por muito a genealogia estava na base da sucessão de bens e de direitos de posse, para o jurista Norberto Bobbio os direitos são conquistados através de movimentações e ações históricas.

Neste sentido o direito à educação é distorcido e revertido em sistema de reprodutividade da sociedade capitalista na qual transforma até mesmo a educação em mercadoria, massificando-a e submetendo-a aos modelos de padronização característicos do controle social da sociedade moderna.

2.1.2 Réplicas de discursos e manutenção das classes sociais

Nas constituições dos Estados modernos, como por exemplo a brasileira de 1988, os primeiros princípios que regem toda a carta magna são o da cidadania e da dignidade humana que estão relacionados intimamente segundo o panorama histórico

Mais adiante, após a reforma protestante e a consolidação da narrativa romântica, a subjetividade e o esforço individual que dá ao ser as características de si e merecimentos e o valor no meio social, como vimos em um dos textos clássicos da formação política do Brasil, onde Otávio Ianni fala sobre a importância que se dava ao trabalho como meio de equilibrar e resolver as questões sociais, principalmente as desigualdades econômicas. Esta noção de dignidade por meio do trabalho teve importância em relação aos movimentos operários e de trabalhadores na luta por direitos e participação política, conhecida como a dimensão social do Estado.

A problemática, quando tratamos de ensino e acesso à educação, é que temos que nos atentar para essas desigualdades que surgiram a partir das diferenças raciais, econômicas e sociais dentro de um mesmo país, então o sentido de humanidade e de integridade psicofísica dos indivíduos no pós-guerras passou a ser considerada como um princípio geral de atuação dos Estados- Nação, pois o que restou dos países Europeus após as guerras foi destruição e miséria.

Com todas as idas e vindas da sociologia, como pesquisa e como disciplina escolar e as mudanças no âmbito político e social e ao longo de duas viradas de século, a ideia de reformismo e modernização tem funcionado como um talismã, a muiraquitã de Mário de Andrade em *Macunaíma*, 1928, antes, na fase modernista iniciada em 1922 em São Paulo, que agitou-se e transformou o cotidiano das pessoas, o ritmo de vida

acelerou. Hoje o mesmo debate entra em pauta sobre o direito universal à educação²¹, a função social da escola, por quem e como ela deve ser garantida.

Boaventura Santos (2007) discutiu sobre o papel dos Estados - Nação moderna, que têm tradicionalmente desempenhado um papel ambíguo. Enquanto, externamente, têm sido os arautos da diversidade cultural, da autenticidade da cultura nacional, internamente, têm promovido a homogeneização e a uniformidade, esmagando a rica variedade de culturas locais existentes no território nacional, através do poder da polícia, do direito, do sistema educacional ou dos meios de comunicação social, e na maior parte das vezes por todos eles em conjunto.

A crítica social e a busca por uma educação emancipatória está relacionada diretamente com as estruturas culturais que se estabeleceram a partir do universo ficcional que se criou do continente americano, tanto dentro quanto fora daqui, e as diferenças entre os países descolonizados do norte e as nações da América Central e Sul Americana, as nuances e as influências do cientificismo da segunda revolução industrial e as configurações políticas e sociais que se estabeleceram a partir do encontro entre nações e principalmente nas tentativas de estabilização dos países em prol das relações diplomáticas e comerciais internacionais.

Em *Admirável Mundo Novo*, os dirigentes do mundo, munidos da ciência, das artes e da moral puderam condicionar os indivíduos de acordo com as aptidões de cada grupo em benefício das demandas do mercado e do bem estar de todos, porém o desfecho é bem trágico para os indivíduos deslocados, mestiços e sem nenhuma funcionalidade dentro das engrenagens da sociedade moderna, no caso do John, o mestiço, cometeu suicídio, já Bernard Marx, que era um Alfa, classe superior, no entanto com uma gota de álcool no sangue e baixo para o seu grupo, foi enviado para uma ilha distante. Na história do Brasil negros, pardos e indígenas tiveram suas verdades silenciadas, podendo inserir análogamente o professor como um ser híbrido, que ao mesmo tempo faz parte de uma classe e/ou de outra, o docente tornou-se proletário quando a classe baixa, população negra, indígena, pardos e pobres começaram a ingressar no magistério e a ter representatividade na mídia, arte e na

²¹ Constituição Federal 1988, Artigo 205.

https://pactoensinomedio.mec.gov.br/images/pdf/constituicao_educacao.pdf

Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH, 1948) em seu 26º artigo, a educação primária é obrigatoriamente gratuita para todos, independente da idade, a pessoa pode ter acesso à educação e à alfabetização.

cultura, somente no ano de 2003/2008²² que foi instituída a obrigatoriedade do ensino de história e cultura de matriz africana e dos povos originários, percebe-se que as lutas e conflitos a respeito da diversidade e desigualdades depende da normalização do Estado para serem institucionalizadas e valorizadas.

Os processos criativos ao qual os estudos escolares do livro clássico *Admirável Mundo Novo* foram submetidos, ao nível estrutural, discursivo e valorativo, serviam de apoio para o questionamento e levantamento teórico do papel do professor na formação política e social do Estado brasileiro, como produtor autônomo de seu trabalho ou reproduzidor das elites, modelos considerados mais apropriados e de maior valor econômico, sejam eles no campo da ciência, da arte e da cultura. A seleção do material didático é importante no processo de reconhecimento das representações ficcionais de cada universo cultural, no entanto as releituras e abordagens de clássicos universais sob o ponto de vista do mestiço, do operário, do selvagem, da professora de escola pública em uma dissertação para denunciar a precarização da sua própria condição como mulher, proletarizada - desde o momento em que a maior parte delas são as mantenedoras do lar - sem nenhum incentivo ou financiamento chegar até aqui e finalizar esta fase de sua formação e saber que pouco será valorizada, não tanto quanto um homem, branco, autodidata, que estudou nos Estados Unidos, tem milhares de seguidores, teve patrocínio do governo do Estado e um dos maiores editoriais midiáticos do país.

O reconhecimento histórico, linguístico, artístico, estético e transfigurativo do jovem aluno por meio de um clássico agrega em seu processo de ensino aprendizagem mais possibilidades de se reconhecer e ser reconhecido no mundo em questão de valor cultural, acadêmico e político, o impacto da literatura e do livro *Admirável Mundo Novo* em minha vida, enquanto estudante de escola pública me fez compreender bem mais como funcionavam as coisas e os seres e não seria possível minha produção material e imaterial sem inferi-lo em minhas leituras e práticas de ensino diariamente ao longo dos anos, mesmo sem mencioná-lo, faz parte da minha consciência.

²² Observatório da Equidade Racial na Educação Básica ANANSI <<https://anansi.ceert.org.br/>> LEI No 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar a educação criticamente e a sua relação com o poder econômico, político e cultural é segundo as reflexões de Michel Apple uma forma de combater a massificação, que mede qualquer coisa que acontece nas salas de aula, a redução da educação às habilidades voltadas ao mercado de trabalho e a cultura do poder. (APPLE, 2016, P.13),

O uso do livro como material de apoio para a pesquisa sobre a formação social e política do Estado brasileiro e posição do profissional de ensino dentro de um contexto de institucionalização e racionalização da vida, que reduziu o papel do professor a replicador e repetidor de conhecimentos que serão mensurados e verificados por instrumentos e parâmetros alheios e distantes das necessidades materiais escolares e educacionais que se espera-se inclusivas e democráticas devido ao processo histórico de desigualdades e abismos imensos entre as classes, a replicabilidade faz parte de uma lógica que torna a escola uma fábrica de seres, moldados e predestinados conforme a linha de montagem que os manipulam, como acontece no enredo do livro.

O acesso a Literatura, a leitura um livro clássico, ficcional, histórico, científico ou expresso em alguma linguagem perceptível, tornar-se a própria consciência e a lente que se pode usar para ler e falar de assuntos de toda espécie e área do conhecimento, logo é necessário explicar o que faz de um livro uma obra clássica e o quão é provisional na formação de qualquer indivíduo, A seguir alguns motivos para ler um clássico literário na compilação de porquês de Ítalo Calvino:

“Toda primeira leitura de um clássico é na realidade uma releitura. Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer. Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as

marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes)”. (CALVINO, 2007, P.9)

A Literatura, assim como a filosofia são áreas do conhecimento que tratam basicamente do pensamento humano e das articulações realizadas para expor e expressar os sentidos e as representações exteriores e interiores, por isso a escolha de um clássico para problematizar e abrir guias para reflexões sobre temáticas sociais, políticas, econômicas, culturais e estruturais tem sido um método interpretativo e de revisitações de pontos de vista e noções a respeito de questões sociais, principalmente relacionadas a cor, gênero e classe social e reprodução de ideologias neoliberais e neoconservadoras, como também as progressistas e reformistas no contexto escolar pensado simplesmente sob o ponto de vista mercadológico e produtivo.

Considerando o contexto histórico, a estética, a linguagem e os temas possíveis ao trabalhar com um texto literário em sala de aula, *Admirável Mundo Novo* continua vivo e reverberando como uma crítica à modernidade e a sociedade automatizada, com comportamentos em série e tendências ao deslumbramento pelo novo, cosmopolita, da moda, desenvolvido, aquilo que a maioria das pessoas têm ou acreditam, funciona como uma onda, um êxtase que toma conta dos indivíduos e motivam suas ações.

Daí a importância de o professor buscar meios para desenvolver sua profissão em meio a pressões por ações e resultados que interessam exclusivamente ao mercado e a perpetuação de um sistema massificador e excludente ao mesmo tempo.

Referências Bibliográficas

ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. 2000.

APPLE, M. W. **Ideologia e currículo** . Artmed Editora, 2016.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Forense universitária, 2007.

BRASIL, M. E. **Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “**História e Cultura Afro-Brasileira**”, e dá outras providências. Diário Oficial da União, 2003.

BRASIL, Lei. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Diário Oficial, 1996.

BENJAMIN, W. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. 2018.

BOBBIO, N. **A Era dos direitos**. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

CALVINO, I. **Por que ler os clássicos**. Editora Companhia das Letras, 2007.

CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária**. 2 ed. São Paulo: Companhia Nacional, 1967.

_____. **Informação sobre a sociologia em São Paulo**. In: Ensaio paulistas: contribuição de O Estado de S. Paulo às comemorações do IV Centenário da cidade. São Paulo: Anhembi, 1958. p. 510-521.

_____ et al. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1987.

CHAUÍ, M. **Notas sobre utopia**. *Ciência e cultura*, v. 60, n. SPE1, p. 7-12, 2008.

CARVALHO, M.P. **Trabalho docente e relações de gênero: algumas indagações**. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 2, p. 77-84, maio/jul. 1996.

COSTA, M; SILVA, L. **Educação e democracia: Base Nacional Comum Curricular e novo ensino médio sob a ótica de entidades acadêmicas da área educacional**. *Revista Brasileira de Educação*, v. 24, 2019.

COSTA, M.C.V. **Trabalho docente e profissionalismo**. Porto Alegre: Sulina, 1995.

DE CARVALHO, J. **Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi**. Editora Companhia das Letras, 2019.

DE SOUSA SANTOS, B. **Os direitos humanos na zona de contacto entre as globalizações rivais**. *Revista Cronos*, v. 8, n. 1, 2007.

DAYRELL, J. **A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil**. *Educação & Sociedade*, v. 28, p. 1105-1128, 2007.

DE MAURO, A. C. J; PEREIRA, H. B. C. **Literatura Distópica e o Incentivo à Leitura**. *Terceira Margem*, v. 24, n. 44, p. 167-186.

EAGLETON, Terry; DUTRA, Waltensir. **Teoria da literatura: uma introdução**. 1983.

FERNANDES, F. **A Sociologia no Brasil: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento**. Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. **O negro no mundo dos brancos**. Difusão Europeia do Livro. São Paulo, 1972.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez. 1997.

GALEFFI, D. A. **O que é isto—A fenomenologia de Husserl**. *Feira de Santana: Ideação*, n. 5, p. 13-36, 2000.

GOUNET, T. **Fordismo e toyotismo na civilização do automóvel**. São Paulo: Boitempo,

1999.

HUXLEY, A. **Admirável Mundo Novo**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

HYPÓLITO, A.L.M. **Trabalho docente: classe social e relações de gênero**. Campinas: Papirus, 1997.

IANNI, O. **A nova república no Brasil**. CUEVA, A. **Tempos Conservadores**. São Paulo: Huitec, p. 109-129, 1989.

_____. **A sociologia de Florestan Fernandes**. Estudos Avançados, v. 10, p. 25-33, 1996.

LECLERC, M. **Cartas do Brasil**. Tradução, prefácio e notas de Sérgio Milliet. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.

MALAGUTI BATISTA, V. **O realismo marginal: criminologia, sociologia e história na periferia do capitalismo**. MP Mello, Sociologia e direito: Explorando as interseções. UFF, 2007.

MENDONÇA, S. G. **A crise de sentidos e significados na escola: a contribuição do olhar sociológico**. Cadernos Cedes, v. 31, p. 341-357, 2011.

MEUCCI, S. **A institucionalização da Sociologia no Brasil: os primeiros manuais e cursos**. Campinas: Unicamp, 2000.

_____. **Sociologia na educação básica no Brasil: um balanço da experiência remota e recente**. Ciências Sociais Unisinos, v. 51, n. 3, p. 251-260, 2015.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã: (I - Feuerbach)**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1984.

NOVAIS, F. A.; SEVCENKO, N. (Ed.). **História da vida privada no Brasil—Vol. 3: República: da Belle Époque à Era do Rádio**. Companhia das Letras, 2021.

QUINTANEIRO, T.; OLIVEIRA, M.L.; MONTEIRO BARBOSA, M. **Um toque de clássicos—Marx| Durkheim| Weber**. Revista Ampliada, 2ª edição, Belo Horizonte, editora UFMG, 2003.

PRADO, M. **Fake news e inteligência artificial: O poder dos algoritmos na guerra da desinformação**. 2022.

ROBERTS, A. **Verdadeira História da Ficção Científica**. Editora Seoman, 2018

SANTOS, C.M. **A proletarização do trabalho docente: entre o mito, a realidade e a possibilidade**. Trabalho & Educação, Belo Horizonte, n. 4, p. 137-160, ago./dez. 1998.

SCHWARCZ, L. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira**. Editora Companhia das Letras, 2013.

SEVCENKO, N. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. 1992

_____. **Transformações da linguagem e advento da cultura modernista no Brasil**. Revista Estudos Históricos, v. 6, n. 11, p. 78-88, 1993.

SOUZA, J. **Gilberto Freyre e a singularidade cultural brasileira**. Tempo social, v. 12, p. 69-100, 2000.

_____. **Europeização e naturalização da desigualdade: em busca da gramática social da desigualdade brasileira**. Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas, v. 3, n. 38, p. 2-9, 2002.

_____; MATTOS, P. (Ed.). **Teoria crítica no século XXI**. 2007.

_____. **A dimensão simbólica do capitalismo moderno Para uma teoria crítica da modernização**. Revista Estudos Políticos, v. 3, n. 6, p. 41-59, 2012.

STUENKEL, O. **BRICS e o futuro da ordem global**. Editora Paz e Terra, 2017.

SOUTO, S. M. T. S. **Tradução no contexto da Era Vargas: Érico Veríssimo, tradutor de Aldous Huxley**. 2014. 108 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

TEIXEIRA, P. E.; DA COSTA BRAGA, A.; BAENINGER, R. (Ed.). **Migrações: implicações passadas, presentes e futuras**. Editora Oficina Universitária, 2012.

TEPEDINO, G. **Premissas metodológicas para a constitucionalização do direito civil**. Temas de direito civil, v. 3, p. 1-22, 2004.

TUMOLO, P. S.; FONTANA, K. B. **Trabalho docente e capitalismo: um estudo crítico da produção acadêmica da década de 1990**. Educação e Sociedade, .29 n.102 Campinas jan./abr. 2008, p. 1-11. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302008000100009&lng=pt&nrm=iso>

ZOTTI, S. **As reformas curriculares do ensino médio no Brasil nos anos 90**. Educere et Educare, 2015.

LINKS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Ciências humanas e suas tecnologias / Secretaria de Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 133 p. (Orientações curriculares para o ensino médio volume 3) Disponível em: <[ORIENTAÇÕES CURRICULARES PARA O ENSINO MÉDIO](#)> Acesso em 11. 03.2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>> Acesso em: 10.03. 2023.

SÃO PAULO, **Currículo Paulista**, 2023 Disponível em <[currículo paulista etapa ensino médio](#)> Acesso em 24.03.2023

ASSOCIAÇÃO NACIONAL PELA FORMAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO (ANFOPE). Manifesto contra a Medida Provisória nº 746/2016. Goiânia, 12 .03. 2023. Disponível em: <[MANIFESTO CONTRA A MEDIDA PROVISÓRIA N. 746/2016 A ANFOPE – Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educa](#)> Acesso em 21.03.23

FUNDAÇÃO ULYSSES GUIMARÃES; MOVIMENTO DEMOCRÁTICO BRASILEIRO (PMDB). Uma ponte para o futuro. Brasília, 2015. Disponível em: <<https://www.fundacaoulysses.org.br/wp-content/uploads/2016/11/UMA-PONTEPARA-O-FUTURO.pdf>>

PORTARIA Nº 1.432, DE 28 DE DEZEMBRO DE 2018 https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/70268199

CENPEC -Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária,-<<https://www.cenpec.org.br/noticias/serie-novo-ensino-medio-o-que-e-preciso-entender>>